



Gaiato

30 DE MARÇO DE 1974

ANO XXXI — N.º 784 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Peditórios

Há três anos que não saía. A vida cheia, um pouco de cansaço (ou de inércia...), o receio de cansar — tudo ajudou. Este ano não teria desculpa — e fui.

Talvez por via desta pausa, como me soube bem voltar! O acolhimento dos Párocos ou Reitores das igrejas, alguns, tão amigos, que nos marcaram falta por estes anos de ausência, apagou a recordação de tempos passados em que pesava mais pedir licença para o peditório do que o esforço de realizá-lo. Nem conta aquela igreja muito urbanizada, de onde há anos somos escorraçados com mui pouca urbanidade — será que o coração de D. Pedro esfriou, da sua morte, os corações que se esperavam vivos?! — nem con-

ta..., que «uma andorinha não faz primavera»!

Conta, sim, a receptividade das assembleias, tão abertas ao Evangelho, sempre o mesmo e sempre novo, que lhes levamos, mais em vida do que em palavras.

E outra vez o bafo fraterno dos pastores, contentes porque uma voz menos ouvida ali, agita a sua grei para os valores essenciais da Salvação.

É isto mesmo: nós não dizemos nada que em cada templo não seja repetido muitas vezes e de muitos modos pelos seus habituais responsáveis. Só que é outra voz, ilustrando, ali, naquele dia, com a vida de Pai Américo ou os dramas reais que nos esforçamos por comungar, o Evangelho de sempre, a Verdade que salva:

«O que fizerdes ao mais pequenino dos Irmãos... é a Mim.» E é curioso que nunca experimentei que a liturgia de um domingo não desse ponto de partida para chegar a este tema. De onde me apercebo, sem possibilidade de recusa, que toda a Palavra de Deus é como Ele: Amor.

Neste domingo, liamos do Livro do Êxodo como Moisés foi atraído ao Horeb por um silvado ardendo sem se consumir. Não há nada de humano que se não gaste: nem o amor se não for enxertado pelo Amor. Donde não encontrar eu outra explicação para a constância do afecto com que o Povo nos recebe e nos corresponde, senão na presença de Deus no meio de nós.

Por isso ando tão contente com andar nos peditórios. E tendo já ido por Braga e Guimarães e Porto, àquelas igrejas onde é costume ir, me acho com decisão e desejo de continuar batendo a outras portas, em que o sim ou o não não hão-de abalar esta minha certeza.

Aqui Lisboa

Dirigiu o Sumo Pontífice, no início da Quaresma, uma mensagem destinada aos fiéis de todo o Mundo, que vale a pena trazer aqui, quanto mais não fosse para proporcionar aos nossos Amigos e leitores, em particular aos não Católicos, o pensamento do Chefe da Igreja, de que somos humildes servidores e na qual a Obra do Padre Américo funda a sua razão de ser e vai aurir toda a sua acção. Diz o Papa:

«Queridos filhos:

Cerca de dez meses se passaram já, depois de havermos anunciado o Ano Santo. «Renovação» e «reconciliação» continuam a ser as palavras-chave desta celebração e designam, simultaneamente, os objectivos da mesma e as esperanças que Nós nela depositamos. Tais palavras, no entanto, não poderão ser traduzidas na prática, sem que se opere em nós uma ruptura.

E eis-nos chegados ao tempo da Quaresma, que é o tempo por excelência da renovação de nós mesmos, em Cristo, e da reconciliação com Deus e com os nossos Irmãos. Durante ele, nós associamo-nos à Morte e à Ressurreição de Cristo, na medida em que efectuarmos uma ruptura com as situações de pecado, de injustiça e de egoísmo.

Seja-nos permitido, pois, insistir hoje numa ruptura em particular, exigida pelo espírito da Quaresma: a ruptura com o apego demasiado exclusivista aos nossos haveres materiais, quer eles sejam abundantes, como no caso do Zaqueu (Lc. 19,8), quer sejam escassos, como no caso da viúva louvada por Jesus (Mc. 12,33). Na linguagem figurada do seu tempo, já S. Basílio pregava àqueles que se encontravam em abundância: «O pão que em vossa casa fica como sobra inútil é o pão daqueles que passam fome; a túnica que está dependurada no vosso guarda-vestidos é a túnica daquele que está nú; os sapatos a mais que nas vossas habitações permanecem inúteis são os daqueles que andam descalços; o dinheiro que vós conservais aferrolhado é o dinheiro do Pobre: vós cometes tantas injustiças, quantas são as obras de bem-fazer que perderíeis praticar.

Tais palavras dão-nos que pensar, num tempo em que ódios e conflitos são provocados pela injustiça daqueles que açambarcam em desfavor daqueles que nada têm, daqueles que preferem cuidar do seu próprio dia de amanhã, a cuidar do dia de hoje dos seus semelhantes, daqueles, enfim, que por ignorância ou por egoísmo, recusam privar-se do supérfluo em

Não podemos calar as maravilhas que o Pai do Céu vai operando através de muitos Amigos, em nosso favor e daqueles a quem servimos. É o casal que possui muitos bens, e são aqueles que vivem do pão nosso de cada dia e que ainda chega para repartir. É o empresário e são os humildes operários que todos os meses se cotizam voluntariamente, descobrindo que é no dar que recebem a paz e a alegria de fazer os outros felizes. É a delicadeza do homem de negócios que pede desculpa de vir tão tarde e deposita em nossas mãos o cheque de 50.000\$00 para o que mais necessário for, pedindo que silenciosamente o seu nome. É a Maria Ivelise que todos os meses retira do seu vencimento 150\$00 para ajuda «do pão dos Gaiatos» e que em troca nos pede uma lembrança junto do Pai Comum. É um grupo de Empregados da Co-sema que, pelas mãos de uma amiga, lança em nossas mãos a «colheita mensal para o pão» que comemos pelo menos 5 vezes ao dia e que «Nosso Senhor nos dê oportunidade de continuarmos a contribuir com a mesma vontade e satisfação como até aqui». Por isso, não podemos calar as maravilhas que o Espírito vai operando



no coração de Suas criaturas. Enquanto vou redigindo estas notas, um pobre homem nos bate à porta com um pequenino pelas mãos, de olhar muito triste, a pedir abrigo,

porque o pai e a mãe morreram e os outros familiares «andam por aí». Não sabe o que é a escola; não sabe o que é ter um lar; não sabe o que é ter carinho.

Acabo de receber uma carta de Nova Lisboa a pedir a salvação, que julga estar em nossas mãos, para um rapaz de 15 anos que até agora só conheceu a escola da rua. Outra carta da Ganda a gritar por socorro para um garoto vítima da exploração de pessoas sem escrúpulos. Mais quatro pedidos para outros tantos pequenos de Benguela e Lobito. Agora mesmo chega às nossas mãos uma carta de um padre amigo a interceder por dois garotos do Bairro de S.

Cont. na QUARTA página



O «Centro Cultural e Recreativo» da Casa do Gaiato de Benguela — em fase de acabamentos.

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

FESTAS — Eis-nos prontos a enfrentar outra vez um ano novo de Festas.

Procurámos ensaiar, este ano, uma coisa diferente de tudo quanto fizemos até aqui.

Entretanto, os ensaios correm e surgem, ou melhor, começam a surgir agora os primeiros números que, com alguns retoques mais, estão prontos a ser apresentados, levando a nossa mensagem de fé.

As nossas Festas sempre foram feitas com o intuito de levar algo de nós, algo do que somos e da fé verdadeira que professamos. Elas nunca são as mesmas; mas a notícia aquela notícia sempre fresca, sempre jovial, espilha-se como a água entornada num papel poroso, que nunca envelhece.

Este ano, segundo ouvi do Laurindo e do Rogério, parece-me que iremos a 10 terras levar a nossa mensagem. São elas: Setúbal, Palmela, Sesimbra, Azeitão, Alcácer do Sal, Barreiro, Montijo, Almada, Quinta do Anjo, Vendas Novas. Contudo, esperamos que haja uma ajuda por parte das gentes.

Desde já, posso confirmar a todos os nossos Amigos de Setúbal que aqui estaremos no dia 18 de Abril, pelas 21,30 horas.

Para uma boa actuação, apenas contamos com a preciosa colaboração dos nossos leitores, uma vez que a malta cá se encarrega de dispor da sua boa vontade para o ensaio e de tornar, portanto, os números cada vez mais harmoniosos.

Mais uma vez, este ano, temos a colaboração do Laurindo e do Rogério, que são os encarregados dos ensaios e tudo o mais que se relacione com a Festa. Como não podia deixar de ser os músicos do ano passado, com um sorriso, ofereceram-se para nos ajudar prontamente no que for preciso.

Portanto não se esqueçam, leitores. Vamos à tarefa que ainda pesa um bom bocado, mas que poderá pesar menos, consoante a vossa e a nossa colaboração naquilo a que temos tanta estima. Obrigado.

Júlio Leandro

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DOENTES — Seis vicentinos gereram agruras de seis Doentes pobres. A maior parte deles, velhos. Nenhum tem (ou dificilmente terá) seguro social, a não ser algum parco benefício indirecto.

Avaliámos os desniveis — cada vez maiores; omissões de que são vítimas; a tremenda e incontrolável subida do custo de vida; os problemas próprios da velhice; tudo. E resolvemos

ajudar, mais substancialmente, todos eles. No conjunto, distribuiremos mais de 3.000\$00 por mês, além de remédios, etc., indispensáveis ao mínimo de subsistência de cada um.

DONATIVOS — Os nossos leitores são duma perseverança a toda a prova! Ai vai a *procição*:

Um visitante entregou-nos em mãos 500\$00. Mais 50\$00 da «Amiga dos Pobres». O dobro duma «modesta empregada» de consultório, do Porto. Mais 50\$00 duma senhora de Lisboa, de visita à Casa do Gaiato. Outra bolada de «Uma Assinante do Seixal» — «para alguma desempunagem». Deus lhe pague. Agora, vem lá Coimbra: «Como sei das vossas dificuldades, envie hoje num vale do correio 120\$00. É uma gota quase invisível no oceano das vossas dificuldades! Aceitai-a com a certeza de que bem feliz me sentiria se pudesse mandar-vos mais. Fazei dele (do dinheiro) ou aplicai-o conforme as necessidades mais prementes da vossa Conferência. Agradeço que mantenhais o meu anonimato e atrevo-me ainda a pedir-vos uma *Avé-Maria por uma intenção minha...*» Delicadeza cristã! Mais 50\$00 do Porto, rua D. João IV, frisando que «é pouco, mas quando me for possível enviarei mais». De Vancouver (Canadá), 20 dólares: «É a consolação dos vossos Pobres, no dia da Ressurreição de Cristo». Mais delicadeza cristã! Registamos, ainda, dois pequenos embrulhos de Cabeçudos (V. N. Famalicão). Preciosos! Finalmente, uma grande nota, de Braga: «Peçam a Deus por mim nas suas orações, para que me ajude a levar a cruz».

Para todos os nossos amigos, muito obrigado — em nome dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

CALVÁRIO

PORQUÊ? — Por mais que tente, não deixo de pensar em muitos aspectos que serão sempre interrogações. E tirevo-me a expor aos leitores algumas das que me ocorrem, neste momento. Muitas mais ficam comigo... porque nelas vou descobrindo algo que me tem dado forças para caminhar em frente. Pesem, no entanto, as quedas e deficiências que nem sempre estou capaz de corrigir. Será talvez uma ilusão pensar que está nas mãos dos outros todo o mal físico e moral dos com quem convivo, no Calvário, não vindo a dimensão divina que ele encerra... Porquê? Mas gostaria que também ficassem com estes porquês:

... Tantos homens explorados e enxovalhados. Tantos corpos disformes. Tantos gritos de dor e histerismo. Tantos que são estorvo no meio de outros homens, aqui fazem da vida um seguro caminhar para o Alto. Tantos que não sabem quem devem amar. Tantos da 3.ª idade desesperando na solidão.

Para tantos só há injustiça, dores, calúnias, egoísmo — Deus dá-nos resposta a tudo isto. Tanto ontem como hoje; embora nós queiramos resposta dos homens. Percebemos que Ele, na Cruz, não veio eliminar a dor, as disformidades, os gritos... mas

dizer-nos que n'Ele nada foi esquecido. Nada se perdeu. Veio salvar, procurando o que estava perdido. Veio procurar a dor inútil e toma conta dela. Mas os homens continuam aos gritos para disfarçar que não sabem que Ele avança sempre, camaleante sob o peso da Cruz. Porque não compreendemos nós, com sinceridade, que Ele a suportou, levando consigo a nossa angústia?!

Porquê tanta pressa na promoção social, material, eu sei lá que mais, deixando os outros como se não tivessem direito ao amor?! Se os homens compreendessem bem o Calvário não se deixariam dominar por forças, mas seriam dóceis. Àquele que nos dá Força!

CARNAVAL — Não é para profanar ou criticar os excessos que

durante ele se fez. Mas para vos dizer que o nosso Carnaval foi motivo de boa disposição. Isto porque, apesar de tudo, o Calvário não serve para o que muita gente pensa... Mas sim para viver os dias como qualquer ser vivo. Pois é uma forma das que surpreendem muita gente. Não admira que o Carnaval fosse vivido com um *casamento*! É verdade. E nessa verdade há uma grande piada. Foi Carnaval!

Um dos nossos irmãos recebeu uma carta de irmãos a dizer-lhe que uma irmã ia casar, em Angola. Mas ele fincou-se à ideia de que era ele que ia casar com a irmã! Tanto falou, tanto barafustou a seu modo, que alguém teve a ideia de lhe fazer a vontade... no Carnaval! Foi engraçado como ele se compenetrava no meio dos risos dos «padrinhos»

e «convidados»! Não se desmanchou durante toda a «cerimónia»! No fim houve «copo de água»... e bolachas! Ai sim, é que ele se desforrou! A comer está claro! Porque d'água nem provar! Alguém dizia: «Que rico par!» Ele de calças rotas, um chapéu enterrado na cabeça, um lenço a fazer de gravata por cima duma camisola de gola alta! Ela embrulhada nos trapos brancos que até faziam inveja a muitas vestidas a rigor! E tudo isto a dizer que o Carnaval seria bonito se houvesse apenas alegria sã e não as «fanchadas» que enjoam e cheiram a tudo menos ao convívio franco e alegre. E é pena. Porque tudo seria melhor se fosse inocência e não opulência fantasiada!

Manuel Simões

Colaboração dos Leitores

Da selecção feita para o número de aniversário (a bem dizer foi a eito tudo o que veio às mãos) mais de outro tanto ficou de fora!

À publicação de, ao menos, esta colaboração que sobrou, já composta, não resistimos. Ela aí vai:

Sentido de Justiça

«Envio X como pagamento de «O Gaiato». Uma Senhora prontificou-se a pagar quando eu não podia. Agora que felizmente já trabalham dois dos meus filhos, já posso pagar.

Se a Senhora continuar não faz mal; fica para o atrasado. Logo que possa mandarei mais.»

«O assinante n.º 2817 pede que lhe aumentem a assinatura do «Famoso» para 100\$ anuais, pagando 1974 para dar o exemplo.

Pois se tudo subiul!...»

De um Tribunal de Trabalho

«O quantitativo vai um pouco mais aumentado para compensar a subida geral de preços que vos afecta com certeza... Cordiais saudações.»

Perseverança no Amor

«Farão o favor de retirar o equivalente à minha assinatura anual do nosso «Famoso».

É pouco, mas é dado com muito gosto para uma Obra que aprendi a amar desde a «SOPA» do nosso PAI AMÉRICO e depois através das páginas de «O Gaiato».

zes ouvi na Igreja de Sta. Cruz a palavra do P.e Horácio.

Há já uns anos que me falta a leitura de «O Gaiato», pois grave doença na vista impede-me de ler. A doutrina de «O Gaiato» é fogo, inquieto-nos, desperta, não deixa viver em águas mornas (tão perigosas para um cristão), faz-nos lembrar que em cada irmão está Cristo na Sua vida gloriosa ou dolorosa.»

Legendas

«Grato por todas as atenções, subscreve-se grande admirador de quantos trabalham nessa «OFICINA DO SENHOR», pedindo ao mesmo tempo que me recomende nas suas orações.»

«Gaiato: aqui vai o meu contributo para que possas vir até nós com a pontualidade e oportunidade de sempre.

Desculpa o atraso.»

Vozes de Jovens

«Hoje mesmo tomei a liberdade de escrever estas simples linhas, não só para agradecer o envio de «O Gaiato» que com muito interesse tenho vindo a receber, mas também para enviar nova importância para este ano, conforme tinha prometido.

Não calculam o entusiasmo com que leio «O Gaiato» sempre que o recebo. Ultimamente tem chegado um pouco atrasado, talvez devido às festas do Natal. Não deixo de ler, nas horas vagas aqueles que cá tenho, pois nunca me canso de os ler.»

«Caros amigos:

Eis-me mais uma vez a enviar uma «migalha». Ainda há momentos estive com o Jornal da primeira quinzena nas mãos e vi que afinal não sou o único «migalha»... Cheguei a pensar que tinha «patente registada»! Afinal...

Quero agradecer ao santo Padre Américo tudo que tem feito por mim e espero que façais uma oração a ele para continuar a ajudar-me.»

gaiato

LOURENÇO MARQUES

Há quem procure e quem aborça encontrar nas páginas de «O Gaiato» a descrição das ajudas que nos chegam. Porque nada escondemos e antes procuramos manifestar, não só, sinceramente, a nossa gratidão, mas também a muita grandeza de alma que permaneceria escondida; e, acima de tudo, a do nosso Deus que é Luz dos corações e Pai dos Pobres — aqui vai.

Católicos, protestantes, hindus e até descrentes recebem da mesma Luz e transmitem o mesmo calor.

A abrir e por intenção de Manilal Monji, segundo o rito da sua religião, um rancho para confeccionar o nosso almoço (e sobrou para outros dias). Quinhentos em acção de graças pelo aniversário do marido e chegada do mato de um filho. Roupas e loiça, mais 100\$. Igual em cumprimento de um voto. Duas carpetes. Uma cama, garrações e 500\$. Sociedade de Ferragens e Vidros com o seu Pessoal, 1.600\$. M. Souto, 500\$. Mais 50\$ duas vezes de promessa e igual para Missas. Por intermédio de um sr. da Incol — 300\$. Todos os meses Eng.º meteorologista com 500\$. A Esposa também aparece. De E. Horta, pelo bom aproveitamento do filho. Quantos pais vivem essa angústia e nem sempre os filhos correspondem. De L. Lopes mil. Roupas, bola e cadeira de repouso do prédio Princesa. Por alma de Barónio Monteiro, 2.000\$.

Mais mil e duzentos em acção de graças pela formatura de um filho. Mil de Trigo de Moraes. Cem de Eugénio, de promessa. No Sindicato dos Empregados de Escritório 250\$ e rancho mensal. Mais 50\$. Mais cem vezes da Senhora que nos deu a quinta. Camisolas finas e «tirones» de F. S. C. — Porto. Do Pessoal de Secretaria do Instituto de Veterinária 477\$50. Mil e trezentos em cheque. Na Obra do Voluntário Social 2.750\$, roupas, sapatilhas e dois colchões. Por colchões, vamos precisar de mais uns vinte para o novo dormitório que está na pintura final. Mais, por alma dos Pais, de alguém que trabalha na Mitchell Cotts. De um grupo de Meninas da cidade 637\$50.

Com votos de Boas Festas de Alberto Gião e seu Pessoal 5.000\$. Da rua Eduardo Costa mais coisas e loisas. Por intermédio do Xico 500\$ de um sr. Engenheiro. Da Associação de Beneficência João Ferreira dos Santos, dez mil. Astrid com 1.500\$ e roupas por alma de uma Filha. Na Farmácia Normal 123\$50, mais cartas com outras importâncias. Do Pessoal da dependência do B. C. C. I. na Manuel Arriaga, seis quilos de bacalhau, amêndoas e dois litros de azeite. Da rua Rainha Santa, 300\$ e mais. Numa Utreia 2.000\$ e cem. Do Hotel Tivoli muitas loiças e roupas. De A. Furtado 500\$ e igual do My Friend. Igual de Bentes e peixe que pesca aos

amigos na Macaneta. Do Comandante da Hepal 2.500\$ — a parte dos Pobres no seu ordenado e na sua Empresa. Entregues ao Chefe, num domingo, 4.000\$. Igual das Irmãs da Clínica do S. C. de Jesus. Mil de uma vizinha presente na nossa Missa de domingo. Gens com bacalhau e mimos, tintas e diversos materiais de construção. Um mundo de roupas do Instituto Verney. Tive pena de não estar presente. Uma leitora com 250\$. Cem de R. C. Oliveira. Três mil de Nacala. Pelo eterno descanso de Lucinda, mil. Mais 300\$. Mais cem de outra Lucinda e 20 de Carolina, dos Velhos Colonos. Um presente do Club de Lourenço Marques, pela mão de dois amigos. Mil da Comunidade do Colégio D. Bosco. Igual de um Amigo no A. Teixeira e uma consoada mimosa e farta de um dos patrões. Mais mil de Patrocínio. Dos Irmãos de S. João de Deus dois mil. Metade de um Relojoeiro. Mil e duzentos de uma avó minhota e filha laurentina. Mais cem. Mais não sei quanto, um bolo e roupas de um voluntário da O. P. V. O. C. — VI. De Domitília 200\$. Prof. Universitário com 500\$. Pastelaria Suíça com 30 bolos-rei que fizeram a nossa fartura e de quem mais precisava à nossa volta. Móveis de quarto e tudo que pertencia a um Filho estudante que Deus chamou em pleno recreio de aulas, para que a memória dele seja abençoada pelos Pobres. Que Deus abençoe quantos nos dão também a bênção material dos seus dons e do seu amor.

Padre José Maria

Lar Operário de Lamego

Falemos hoje duma «herança». Pai Américo tinha uma maneira de ver desfavorável e muitas vezes falou da repugnância que sentia pelos bens que ele chamava «de mão morta».

A «herança» em causa é bem diferente, pois não veio trazer-nos qualquer acréscimo de rendimento, pelo contrário; se alguma coisa aumentou, foram as despesas e consequentemente as preocupações.

Mais uma vez falemos da Casa de S. José, situada na Quinta do Bairro, concelho de Resende. Talvez que algum leitor se admire de lhe chamarmos «herança». De facto não nos foi deixada em testamento, nem por qualquer documento legal. Apenas as pessoas que actualmente ali vivem, e com relativa responsabilidade, nos pediram para tomarmos conta.

E entregaram-nos o quê?

Para conhecimento dos que se interessam será bom fazer um pequeno inventário.

Ali existem quatro moradias. Uma serve de armazém onde se guardam os poucos haveres existentes e utensílios de lavoura. Outra, que tem o nome de «escola» e por onde passa-

ram tantas crianças, está em péssimo estado. Não tem portas, nem vidros nas janelas. O soalho está carcomido e cheio de buracos. O telhado não impede a entrada das águas das chuvas. Chamámos um artista que nos disse só se aproveitarem as paredes. Ninguém pode ali viver.

A terceira está um pouco melhor, mas precisa dum soalho novo e vidros nas janelas.

Deixamos para o fim aquela a que podemos chamar «casa-mãe». Aqui vivem seis ou sete pessoas. Os quartos onde dormem não têm o mínimo conforto, pois ficam nas águas furtadas e nem sequer estão forrados. Em noites de frio, o vento gelado entra livremente. Podemos dizer que «é lugar de mártires, de heróis e de santos». A volta há terrenos de tamanho regular, mas pouco produtivos. É difícil cultivar a terra; não há dinheiro para os salários; as ervas daninhas e as silvas vão conquistando à vontade os melhores lugares. Doi-nos o coração olhar para isto tudo e não podermos dar uma solução imediata por falta de meios.

E o local, exposto ao sol da manhã, numa elevação a dominar horizontes lindíssimos, de ares lavados e saudáveis, era admirável para continuar, como se fez durante mais de cem anos, a receber pessoas sem família.

Vamos tentar a restauração da Casa de S. José, apesar de nos faltar tudo, menos Fé em Deus e a esperança nos corações que ainda existem na terra. Não vale a pena fazer orçamentos para não ficarmos atemorizados. Não queremos mesmo saber se as despesas importarão em cinquenta ou cem. Isto não é temeridade, nem imprudência, mas é força que nos vem das vozes que ouvimos daqueles que nos pedem abrigo na Casa de S. José.

As obras vão começar e a seu tempo teremos em ordem os pavimentos, os quartos, as portas e os vidros. Teremos camas arranjadas e um lugar decente para aceitar em família os que a não têm.

Padre Duarte

TRANSPORTADO NOS AVIÕES
DA T. A. P. PARA ANGOLA E
MOÇAMBIQUE



FESTAS

SETÚBAL

Desde a 2.ª metade do mês de Fevereiro que as Festas andam aqui numa azáfama constante. Não poupa nem tempos de trabalho, nem de lazer, nem de sono. Grandes e pequeninos andam metidos em ensaios quase de manhã à noite. O ritmo normal da vida está todo alterado. À desordem desta «desorganização organizada» vem juntar-se nestas alturas de Festas uma desorganização ainda maior. Sintomas vários vieram dar uma feição diferente à vida calma, mas nem sempre arrumadinha, desta Casa. Todos os anos os meses de Janeiro a princípios de Maio caracterizam-se essencialmente por uma labuta árdua em favor das Festas e por um quase esquecimento total das fainas diárias, necessárias sempre a que tudo ande arrumadinho, harmonioso e funcional. Eis porque se gera nas mentes mais esclarecidas e mais maduras a ideia de caos, de tudo andar «à deriva», de desassossego, dum certo mal-estar até, no quotidiano da nossa vida. E é verdade mesmo! Se fôssemos a analisar a situação que se cria com o surgimento

das Festas adentro da cadência normal do dia-a-dia, por um prisma monetário ou de comodismo, cremos que há já longos anos estes espectáculos anuais teriam morrido, banidos por incoerência ou abismal falta de lógica. E, no entanto, apesar de toda esta desarrumação da vida das Casas do Gaiato, apesar de não haver dinheiro que de longe as pague, apesar de nos tirar quase de rompante deste certo comodismo em que vivemos, ainda e sempre as continuaremos a achar com toda a lógica. E esta lógica a chamamos numa palavra tão simples, mas tão cheia de vida: — «Encontro». Encontro anual dos Gaiatos com os Amigos. Encontro anual dos Gaiatos de hoje com os Gaiatos de ontem. Encontro que é a mais perfeita simbiose dum família «de dentro» metida numa família «de fora», formando uma família perfeita, sem discriminação de cultura, de posições sociais, de ideologias ou de crenças religiosas. Bastou-nos a experiência dum ano sem Festa para tomarmos ainda mais consciência disto mesmo. Já não se trata de juntar o útil ao agradável (...aqui pelo Sul não conciliamos os dois, porque nem um nem outro exis-

tem), mas de ser mesmo um dever, uma obrigação.

Este ano, como acima disse, sintomas vários infundiram uma feição diferente cá na nossa vida. Nunca como agora os ensaios e demais pormenores nos tomaram tanto tempo. Quase todo o dia os rapazes ensaiam. Quase todo o dia se não pensa noutra coisa que não seja a Festa que subirá ao palco pela 1.ª vez no Domingo de Páscoa. Se é certo que os muitos números a isso nos obrigam, não é menos certo a responsabilidade bem maior que este ano sentimos por irmos pisar palcos nunca dantes pisados. A campanha é mais vasta e, à priori, a maior responsabilização e labor obriga. Depois, em relação ao ano transacto, deitámo-nos, neste ano, demasiado tarde ao trabalho. Quase exclusivamente por carência de quem tomasse sobre os ombros esta empresa. O Laurindo, porventura o maior e mais esforçado obreiro desta campanha, andava e anda a braços com o aparecimento do seu 1.º filho e nem por isso tem regateado esforços, tanto ou mais até que nos anos passados. Eu, a contas com contas, arrumação de vida e casamento. Damos graças a Deus por ter

aparecido no pódio dos responsáveis o Mário, que com a sua generosidade e capacidade muito nos tem valido e aliviado. Surgiu-nos também e, como nunca, uma dificuldade grande de coordenar o plano de ensaios, uma vez que a maioria — os mais pequenos — se encontram na Casa, e os maiores — quase todos estudantes ou que trabalham nas oficinas — estão no Lar. Os horários escolares, quase de propósito, também não conjugam e assim quando temos uns aptos a ensaiar faltam-nos outros que estão em aulas. Da melhor forma lá temos andado a colmatar as brechas e vamos em frente. É, pois, a certeza de termos Festa este ano o que hoje me traz aqui.

Rogério

ABRIL

- 18 — SETÚBAL
- 19 — MONTIJO
- 20 — LOUSA
- 21 — QUINTA DO ANJO
E ARGANIL
- 22 — TOMAR
- 23 — SESIMBRA
- 24 — COIMBRA
- 26 — LEIRIA
- 28 — PALMELA
- 29 — COVILHÃ

MAIO

- 1 — CAST. BRANCO
- 2 — LISBOA

Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

João que ficaram sem ninguém e «não há estalagem para eles» no seio da comunidade onde vivem.

Ontem, foi uma mulher que é mãe, com o filho pequeno pelas mãos; quer trabalhar mas não lhe dão trabalho porque não a querem com o filho ao lado dela. O pai desapareceu. Era bem mais fácil, mais humano que aquele patrão rico aceitasse o trabalho da mãe e desse a mão ao filho assumindo a responsabilidade que o pai declinou na educação dessa criança. Mas não quer! Ai dos instalados na vida! Ai dos que sugam o sangue dos outros, em vez de lho darem! Vamos recebê-lo nós.

Mais um apelo angustiado de Silva Porto, a favor de dois rapazinhos de uma «prostituta» que além destes tem mais cinco. Todas estas fraquezas da sociedade em que vivemos caem sobre nós. Não viramos as costas; mas precisamos de ajuda.

A Maria do Rosário vem com 100\$00. Uma amiga da Catumbela vem com 500\$00 e pede que não nos esqueçamos dela. E há tantos ricos que vivem esmagados pela sua riqueza. E há tantos homens de dinheiro, de coração de metal, indiferentes aos gritos de socorro dos irmãos mais pequeninos. Também esses necessitam da Salvação. Também desses temos compaixão. Por isso não receamos bater-lhes à porta, de cabeça bem erguida, dispostos a receber o sim e o não, mas responsabilizando-os pelas desgraças que os rodeiam.

● O Valentim entrou agora mesmo no meu quarto, de balde na mão, para fazer a limpeza. É um garoto encantador que veio dos lados do Bocoio. Veio dar-me um beijo. Eles são os nossos anjos da guarda, a nossa força. Eles são a nossa autoridade. Desde pequenino que não sabe o que é um beijo de mãe. Há mulheres que podiam ser mães destes pequeninos. Eles continuam à espera delas.

Quem há com entranhas de mãe que, sabendo destes filhos à sua espera, não se decida a entregar-se sem reservas? Esperamos por elas como quem espera água para matar a sede.

● Deixamos para o fim desta crónica uma palavra para os assinantes de «O Gaiato».



Cont. da PRIMEIRA página

favor dos que carecem do necessário.

E, nesta linha de pensamento, como poderíamos deixar de evocar a renovação e a reconciliação exigidas e asseguradas pela plenitude do nosso «único pão» eucarístico? Para comungarmos, todos juntos, no Corpo de Cristo, é preciso estarmos possuídos da vontade sincera de que a ninguém falte o necessário, mesmo que isso haja de ser à custa de sacrifícios pessoais. De outro modo, fariamos uma afronta à Igreja, ao Corpo Místico de Cristo, de que somos membros. Assim, S. Paulo, quando admoestava os Coríntios, punha-nos também a todos nós de sobre-aviso contra o perigo de um



comportamento deplorável neste aspecto.

Seria, pois, pecar contra esta unanimidade recusar hoje a milhões de irmãos nossos aquilo que comportam as exigências da sua promoção humana. Neste tempo da Quaresma, cada vez mais, a Igreja e suas instituições de caridade solicitam os cristãos para esta empresa imensa. Pregar o Jubileu é pregar o desapego, ao mesmo tempo alegre e profundo, que nos pode restituir à verdade de nós próprios e à

verdade da família humana, tal como Deus quis. E sucederá, então, que a presente Quaresma já pode ser portadora, aqui na vida presente, para além da garantia da recompensa celeste, daqueles «com por um» prometidos por Cristo aos que dão com o coração aberto.

Procurai todos, neste Nosso apelo, ouvir um duplo eco que aí se repercute: o da voz do Senhor, que vos fala e vos exorta; e aqueloutro, doloroso, da humanidade que chora e vos

suplica. Todos, absolutamente todos — bispos, sacerdotes, religiosos, leigos adultos e crianças — a título individual e em comunidade, somos chamados a fazer obras de partilha, no amor, porque isso é um mandamento de Cristo.»

Para quê comentários? Que Deus nos dê a coragem e as forças indispensáveis para, no lugar que ocupamos, cumprirmos o nosso dever.

Padre Luís

Postal para o Céu

«Enquanto existir, nas leis e nos costumes, uma condenação social que cria infernos artificiais, juntando ao destino — que é divino por natureza — um fatalismo que provém dos homens; enquanto não forem resolvidos os três problemas do século: a degradação do homem pela pobreza, o aviltamento da mulher pela fome, a atrofia da criança pelas trevas; enquanto continuar em certas classes a asfixia social; ou, por outras palavras e sob um ponto de vista mais claro: enquanto houver no mundo ignorância e miséria, os livros desta natureza não são de todo inúteis.

(Vitor Hugo — Os Miseráveis)»

Meu querido Pai Américo!

Foi em terras de Angola que pela vez primeira li o teu — e nosso — BARREDO. Contava eu meus dezasseis anos e já então era por ti convidado a mergulhar, religiosamente, nesse «lugar de Mártires, de Heróis, de Santos» que tu, sempre escrevendo como quem reza, te propuseste lançar ao mundo num grito de quem vê, sente e sofre a gangrena social.

O teu BARREDO! Dos trapos enebados e das tábuas carcomidas por séculos de desatino (pior do que pelo caruncho) aos corpos fedendo

Há tempos, por iniciativa dos rapazes, a quem demos o nosso consentimento, foi enviado um cartão a pedir sinais de vida aos assinantes que há muito os não dão. Alguns responderam generosamente. Estão vivos e interessados. Recebemos muitos testemunhos. Mas a grande maioria ficou silenciosa.

Vão seguir pelo correio novos cartões. Pedimos compreensão. Aos que permanecerem calados, como sinal de desinteresse, daremos baixa dos seus nomes nos nossos ficheiros. Serão pesos mortos na nossa vida que não podemos carregar.

no lixo, ao rigor de invernos rolando e somando invernos de sofrimento e de podridão, quantas vezes o sentiste na própria carne pelas visitas que fazias aos teus Pobres e Doentes na missão sublime de Apóstolo e Recoveiro — que outros acharam por bem chamar de Revolucionário! Quantas vezes, meu querido Pai Américo, meu Poeta e meu Santo!

Foste, realmente, um Revolucionário vivendo num mundo a humanizar.

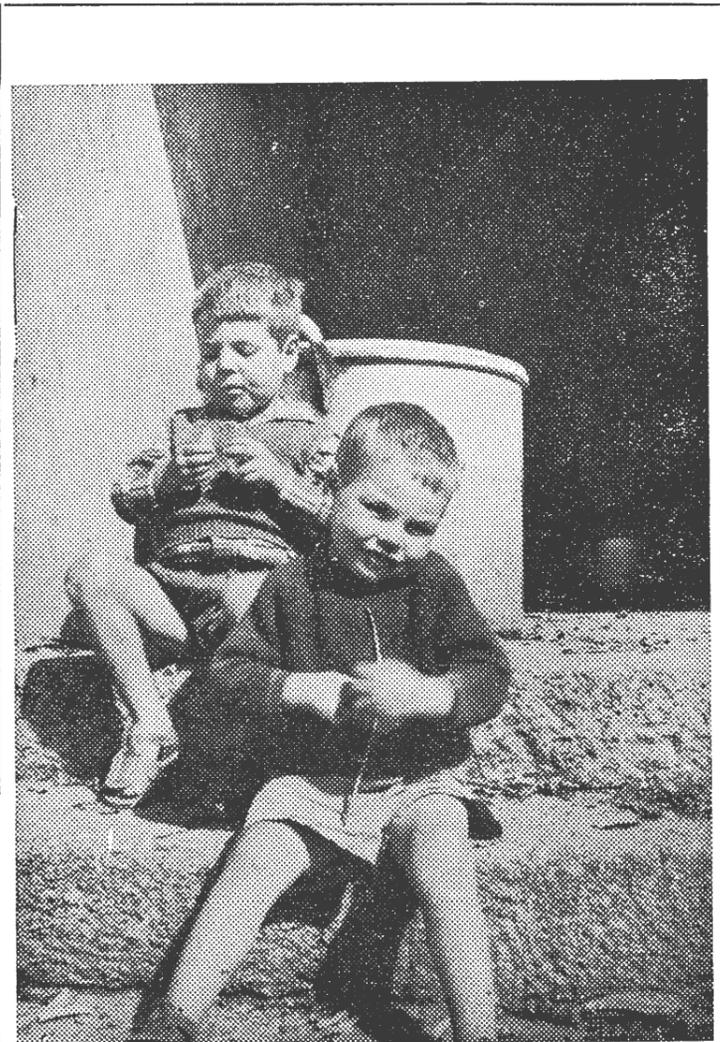
Quiseste que a tua Pátria morresse, mas que morresse mesmo para o substantivo; que ninguém acordasse, depois, por uma qualquer razão convencional; e, reparada de todos os Barredos, nascesse então por inteiro vislumbrando o Verbo, em tudo e por tudo harmonioso, no chão do teu País. E foi nessa fome que andaste por lá (que é como quem diz por aqui), e por lá (que é como quem diz por aqui) foste provando, não o sangue histórico de um Cristo morto nem o sumo de um qualquer fruto agreste, mas o gosto do martírio em cada um dos teus Pobres — que olhavas como se Deus andasse por cá, de vez em quando, encarnado nos teus Doentes. Por lá (que é como quem diz por aqui) quantas vezes te deram a notícia da morte deste e daquele; e no entanto tu sabias que essa morte arrastava anos de frio, de fome, de doença...

Melhor do que ninguém tu sabias dos teus Barredos e como Raúl Brandão os passos do mar ao coração dos pescadores, tu sabias, meu querido Pai Américo, meu Poeta e meu Santo, tu sabias onde iam embocar todas as Banharias... «Os caminhos são cheios de lama, pela neve derretida, mas esta lama não suja ninguém. Há regatos pelos campos. O céu é azul. O sol tem mão no frio». E a seguir: «Há uma cadeira. Uma cómoda. Um Cristo num santuário. Um lampeão de folheta é ali testemunha de noites dolorosas». Sim, a lama desses caminhos não suja ninguém, que há regatos pelos

campos e o sol tem mão no frio quando é por amor do Próximo que quase de rastros se vai até ao seu covil, de «rendas pagas ao dia, muitas à semana, poucas ao mês, pelos vãos de escada, águas furçadas, quartos de arrumo, nesgas nos corredores»... Só é Homem verdadeiro quem vive de encontro à Terra e tu fizeste missão sublime de Apóstolo e Recoveiro nesses caminhos por

onde passa o povo, por onde passa a varina e o Corre Mundos e o homem que a doença há anos arrastou para a enxerga e o Douro e todas as Furnas — nos Barredos que são «a condenação formal de uma civilização que se diz cristã e permite esta ignomínia.» Viveste de encontro à Terra e o livro que dessas jornadas nos deixaste, entre outros de igual quilate, o teu BARREDO não é um livro mas um ser vivo que, para penitência de todos nós, está e se retrata ainda como na hora.

Santos Silva



«O Tó e o Manel — dois irmãozinhos de Bruçó — são, agora, os mais pequeninos de Paço de Sousa. Inconscientes do seu drama — a Mãe morreu; o Pai um pobre homem; mais três irmãitas dispersas — a vida se lhes resume em brinquedo e ternura, de que, por sua graça, são alvo de toda a gente.

Um dia, porém, a idade os acordará.

— Que será então?!...